

O DESAFIO DE EVANGELIZAR PELA EDUCAÇÃO NO MEIO URBANO: A CONTRIBUIÇÃO DA PEDAGOGIA QUE SE INSPIRA NA ESPIRITUALIDADE

PROF. DR. JOÃO LUIZ CORREIA JÚNIOR¹

Resumo

A pedagogia “toca” a dimensão do mais profundo da existência, aquilo que é a essência de todas as coisas e que dá sentido à vida: a dimensão do espiritual. Para enfrentar o desafio da educação nos grandes centros urbanos, precisamos estar impregnados de uma força que nos motive, algo mais profundo que dá sentido ao trabalho pedagógico: a espiritualidade. Ao apresentarmos, neste texto, os fundamentos da pedagogia cristã e da pedagogia de inspiração ignaciana, queremos ir pontuando elementos importantes que mostram como uma prática educacional fortalecida pela espiritualidade pode dar excelente contribuição ao processo de evangelização no meio urbano.

Palavras-chave: pedagogia ignaciana, pedagogia cristã, espiritualidade ignaciana.

THE CHALLENGE OF EVANGELIZING FOR EDUCATION IN THE URBAN ENVIRONMENT TO THE CONTRIBUTION OF PEDAGOGY WHICH IS INSPIRED IN SPIRITUALITY

Abstract

Pedagogy “touches” the dimension of the most profound in all existence, that which is the essence of all things and which gives sense to life: the dimension of the spiritual. In order to confront the challenge of education in large urban centers, we need to be impregnated with a force which motivates us, something more profound which gives sense to pedagogic activity: spirituality. By presenting in this paper the foundations of Christian pedagogy and pedagogy of Ignatian inspiration, we wish to move forward by pointing out important elements which show how an educational practice strengthened by spirituality can make an excellent contribution to the process of evangelizing in the urban environment.

Key-words: Ignatian pedagogy, Christian pedagogy, Ignatian spirituality.

Introdução

Vivemos momentos difíceis de mudanças radicais no modelo tradicional de pensar e de agir. Ao lado das grandes maravi-

lhas alcançadas pela inteligência humana, acontecem gravíssimos problemas, sentidos sobretudo nos aglomerados urbanos: desemprego, subemprego, violência, decadências ética e moral, corrupção, poluição, impunidade... Observa-se a crescente falta de compromisso com a vida, cada dia mais desrespeitada e ferida, gerando forte queda na esperança do povo, especialmente entre as pessoas mais pobres, que sofrem todo tipo de exclusão social.

Essa situação aparece como grande desafio. Um desafio apaixonante para as pessoas sensíveis à causa da vida. Um desafio ainda maior para pessoas e instituições que professam a fé no Deus da Vida. É nessa perspectiva que se insere o compromisso de evangelizar pela educação. A prática educacional de quem se inspira na pessoa e no testemunho de Jesus Cristo tem como objetivo promover a vida em todos os seus aspectos: “Eu vim para que tenham a vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10).

Ao apresentarmos, aqui, os fundamentos da pedagogia cristã e da pedagogia de inspiração inaciana, queremos ir pontuando elementos importantes que mostram como uma prática educacional pode dar excelente contribuição ao processo de evangelização no meio urbano. Para tanto, dividimos este texto em três pontos: 1º) a relação entre pedagogia e espiritualidade; 2º) os fundamentos da pedagogia cristã: Jesus de Nazaré; 3º) os fundamentos da pedagogia de inspiração inaciana: o discípulo de Jesus, Inácio de Loyola.

1. A relação entre pedagogia e espiritualidade

A pedagogia “toca” a dimensão do mais profundo da existência, aquilo que é a essência de todas as coisas e que dá sentido à vida: a dimensão do espiritual. Para enfrentar o desafio da

educação nos grandes centros urbanos, precisamos estar impregnados de uma força que nos motive, algo mais profundo que dá sentido ao trabalho pedagógico: a espiritualidade.

Vejamos, portanto, uma breve explicação sobre o sentido dos termos pedagogia e espiritualidade, para buscar entender como a relação desses dois elementos pode contribuir com a formação de homens e mulheres que se comprometam amorosamente pela promoção da vida nos grandes centros urbanos.

1. Pedagogia

Pedagogia, do grego paidagogia, é teoria e ciência da educação; conjunto de doutrinas, princípios e métodos de educação. É a experiência cotidiana e o estudo científico em torno do processo de aprendizagem que gera uma relação pedagógica.² Pedagogia é, desse modo, o processo de formação que permite a pessoa alcançar a consciência crítica e a libertação, tornando-se autônoma e livre para tomar as melhores decisões na vida, em prol do precioso dom da vida, na perspectiva da construção de uma sociedade justa e fraterna.

A prática pedagógica, portanto, está voltada primordialmente para a formação integral do ser humano, visando: a) ao desenvolvimento dos talentos de cada pessoa; b) ao despertar da consciência sobre o papel social desses talentos, que terão seu valor quanto mais forem colocados a serviço da comunidade humana na qual a pessoa está inserida.

É nessa perspectiva que podemos falar de uma “pedagogia humanizadora” (lembremos aqui a grande contribuição de Paulo Freire)³. As pessoas que participam de tal formação continuam o seu processo de humanização à medida que, no campo profissional, na sua área de atividade, humanizam as demais pelo trabalho que executam. Esse, quem sabe, é o primeiro passo

para se promover a justiça social, na perspectiva de se buscar uma justa distribuição das riquezas que construa uma nova ordem econômica e política.

2. Espiritualidade

Espiritualidade é a vida em comunhão, em sintonia com o espírito, a “essência primordial” da vida, que está em todas as coisas e que tudo perpassa.

O ser humano é capaz de transcender os limites de si mesmo, bem como os limites em que vive. Em sua capacidade de transcendência, consegue entrar em comunhão, em sintonia com um poder maior, algo mais que - segundo suas intuições mais profundas - tudo perpassa e ultrapassa, o Transcendente, o Absolutamente Outro, o Maior, a Excelência Divina (palavras humanas que se referem a algo indizível, Deus). Essa experiência é universal; cada cultura, a seu modo, fez e faz tal experiência ao longo da história. A partir do contato com esse Absoluto, o ser humano é capaz de relativizar os poderes deste mundo que pretendem apresentar-se como última instância.⁴

Ser uma pessoa espiritual e levar uma vida espiritual não significa tão-somente desenvolver as faculdades espirituais da sensibilidade, da inteligência, da vontade e do coração. Trata-se de entender, orientar e alimentar a vida a partir do Espírito de Vida, Espírito de Amor que tudo anima com seu toque vital. É por aí que o ser humano se faz humano, a imagem e semelhança divina. De fato, somos chamados (temos a vocação) a crescer não só em estatura física, mas em valores éticos e morais na relação com os semelhantes, com a natureza, com Deus. A espiritualidade é, nesse sentido, uma experiência mística, misteriosa, que, ao longo da história, foi adquirindo diferentes modos de expressão, de acordo com a cultura religiosa de cada povo.

3. A relação entre pedagogia e espiritualidade cristã

Na tradição cristã, temos diferentes espiritualidades, tanto no âmbito do catolicismo, como do protestantismo. Mas, de um modo geral, a pedagogia que se inspira na espiritualidade cristã busca promover a consciência para os valores fundamentais do ser humano e da convivência humana. Trata-se de uma formação integral e personalizada. A partir da capacitação profissional, trabalha a autoconsciência, no sentido de que cada pessoa se descubra como responsável perante as demais (responsável, chamado a dar respostas concretas ao apelo da consciência pelo bem comum).

Tal prática pedagógica é, sem dúvida, cada vez mais importante para a sociedade como um todo. Inúmeras experiências positivas no campo da educação foram desenvolvidas por instituições educacionais ligadas às Igrejas cristãs. Muitas escolas têm seu projeto pedagógico-educativo baseado numa proposta evangelizadora.

Na Igreja Católica, ordens religiosas femininas e masculinas têm dedicado atenção especial à educação. A partir da especificidade de sua espiritualidade, tais instituições procuram, por meio da educação, atualizar – diante dos angustiantes desafios dos centros urbanos – o anúncio da Boa Nova inaugurado por Jesus há dois mil anos.⁵

A contribuição da pedagogia que se inspira em valores cristãos tem conseqüências positivas para a prática da cidadania. Por meio de tal formação, a pessoa vai sendo despertada para assumir conscientemente seu papel dentro da sua profissão. Ao dominar uma área do conhecimento, cada pessoa é chamada a transformar, para melhor, a realidade em que vive, marcando sua presença e, desse modo, construir-se, fazer-se cada vez mais humano ao colocar seus talentos e criatividade a serviço da vida, imagem e semelhança divina.

A pedagogia que se alimenta da espiritualidade cristã compreende o papel de cada pessoa como serviço generoso e cotidiano à Sabedoria Divina, única capaz de ajudar o ser humano na sua missão de continuar a ação criadora de Deus. Ao empreender tal tarefa, a pedagogia entra em sintonia com o Espírito de Deus. Esse é o mesmo Espírito que animou Jesus daquela intencionalidade, vigor, exuberância, atitudes, práticas, mistério que caracterizaram a vida, paixão, morte e ressurreição de Jesus de Nazaré. Busquemos inspiração, portanto, na prática pedagógica de Jesus.

2. Fundamentos da pedagogia de inspiração cristã

A pedagogia de inspiração cristã tem suas raízes na prática de Jesus, claramente exposta nos Evangelhos. O Mestre, em sua missão, agiu pedagogicamente, ao iniciar um movimento que, há dois mil anos, tem sido a referência para a caminhada dos seus discípulos e discipulas.

Vejamos alguns elementos importantes da pedagogia de Jesus.

1. A pedagogia do aprendizado contínuo na vida cotidiana

Jesus não teve possibilidade de estudar em escola oficial como Paulo e os doutores da Lei (Jo 7, 15; At 22, 3). Por isso muitos perguntam: “Que sabedoria é esta que lhe foi dada?” (Mc 6, 2). As autoridades judaicas ficam admiradas e diziam: “Como que esse homem tem tanta instrução, se nunca estudou?” (Jo 1,46).

Jesus aprendeu na *escola da vida* de sua comunidade. A vida se aprende no cotidiano, no aparentemente sem valor, sem nada de extraordinário. Foi nesse contexto que, durante 30 anos,

ele aprendeu aquilo que ensinou ao povo durante os três anos de sua atividade missionária.

Em Lc 2, 51-52, podemos constatar que Jesus se forma e se educa a partir da experiência comunitária, na relação com os pais, parentes, vizinhos, dentro do contexto sociocultural do povo da Galiléia. Jesus crescia em sabedoria, tamanho e graça diante de Deus e das pessoas, num processo que é próprio de todos nós, criaturas humanas.

Na Palestina do tempo de Jesus, todo povoado tinha a sua sinagoga. Era o salão da comunidade, onde os judeus se reuniam aos sábados para ouvir e meditar a Torá, a Lei de Deus; rezar juntos e louvar a Deus; discutir os problemas da vida da comunidade para saber como ajudar os irmãos e as irmãs. A oração era diária, pela manhã, à tarde e à noite. Até hoje, se conservam aquelas orações. A escola de Jesus era também, e sobretudo, a vida de intimidade com Deus, seu Pai.

Como todo judeu das camadas populares daquela época, Jesus também aprendeu muito na dureza do trabalho diário, na luta pela sobrevivência. Para tanto, deve ter trabalhado na agricultura, como todo povo de sua região, sobretudo na época da colheita... Deve ter aprendido a profissão do seu pai, carpinteiro (Mt 13, 55; Mc 6, 3)

Jesus continuou a aprender durante sua missão de mestre itinerante. Jesus não parou de aprender: estava em constante aprendizagem... Um exemplo disso é que, na conversa com uma mulher, e mulher não judia, pagã, estrangeira (siro-fenícia), deixa-se questionar profundamente com seus argumentos. Por isso reconhece a sua fé, atende o seu pedido e, conseqüentemente, percebe que a sua missão não deve restringir-se apenas aos judeus (Mc 7, 24-30).

2. A pedagogia da inserção nos movimentos da história

Jesus, desde o início de sua missão, demonstra ser alguém inserido no movimento histórico de sua época. Nesse meio, aos poucos, vai discernindo e assumindo compromissos concretos (e, conseqüentemente, dando respostas pessoais aos desafios do seu tempo).

Jesus é homem do seu tempo. Por isso foi capaz de, ao perceber a radicalidade profética do movimento inaugurado por João Batista, fazer o movimento de sair de Nazaré da Galiléia e seguir João Batista, recebendo o batismo (Mc 1, 9).

Não é improvável que Jesus, depois de receber o batismo de João no Jordão, haja feito parte desse grupo de discípulos. Depois, separou-se, atraindo consigo uma parte de simpatizantes, alguns dos quais se tornaram seus discípulos (Jo 1, 37-42).⁶ De fato, foi só depois da prisão de João que Jesus inaugurou a sua nova atividade na Galiléia com o anúncio do Reino de Deus (Mc 1, 14-15).

A pedagogia de João teria influenciado a pedagogia de Jesus. Há muitos traços comuns entre as duas pedagogias. Con- vêm citar alguns:

- a) o compromisso ético em nome do Deus com a prática do direito e da justiça, por meio de uma pregação voltada para a conversão, em virtude da iminente chegada do Reino de Deus;
- b) o engajamento nas camadas mais pobres da sociedade, por meio da convivência diária com os excluídos daquela época;
- c) a coragem de revelar para o povo a verdade sobre atitudes antiéticas e imorais dos seus dirigentes;
- d) a formação de um grupo de discípulos do meio desse povo excluído.

A tradição evangélica condensou a pregação de João Batista no anúncio do julgamento de Deus que ameaça todas as pessoas que não fazem penitência, como a árvore que está para ser cortada e lançada ao fogo, e a palha, que é separada do grão para ser queimada. Ao batismo de fogo da ira de Deus só se pode escapar por meio da conversão (mudança de vida), cujo símbolo e compromisso é o banho de água. O protagonista desse julgamento divino é alguém que está por vir como Enviado de Deus, para cujo serviço o Batista se considera indigno (Mt 3,11).

João Batista convida a uma profunda mudança de vida, porque já se aproxima o Reino, que vai transformar radicalmente as relações entre as pessoas, alterando pela raiz as relações sociais. Essa proximidade do Reino não é meramente temporal, mas espacial: o Reino já está aí, presente na história. É o tempo do julgamento, e nada adianta ter fé teórica, pois o julgamento se baseará nas opções e atitudes concretas que cada um assume no dia-a-dia, dentro do contexto em que vive.

Contudo, em lugar do banho de conversão, Jesus apelava para a confiança em seu anúncio do senhorio de Deus, que se revelava nos seus gestos de acolhimento e libertação em favor dos pobres, pecadores e doentes. Apesar disso, Jesus reconheceu a atividade profética de João, o batizador (Mt 21, 23-27).

3. A pedagogia da convivência profícua entre gêneros

Os discípulos e discípulas de Jesus, que com Ele partiram num movimento itinerante, eram pessoas muito próximas: Jesus os conhece de perto, freqüenta as suas casas, conhece-lhes a família. No relato da cura da sogra de Pedro (Mc 1, 29-31), percebe-se certa intimidade de Jesus com a casa e a família de Simão, em Cafarnaum.⁷ Não é de se estranhar que Jesus manti-

vesse tal nível de convivência com os seus discípulos e discípulas da comunidade de Cafarnaum.

De fato, conhecer supõe um processo de convivência que, por sua vez, possibilite um clima de profunda confiança. E confiança é sempre uma relação de mão dupla: não posso esperar que outras pessoas confiem em mim, se não confio nelas.

Na convivência cotidiana, Jesus vai construindo um clima de confiança mútua. Nessa confiança, vai conhecendo as pessoas como elas realmente são. E assim, gradativamente, vai formando o seu grupo.⁸

A constituição do grupo situa-se no contexto da atividade de Jesus na Galiléia. Segundo Rinaldo Fabris, os discípulos eram provenientes da classe média, trabalhadores autônomos ou empregados; heterogêneos quanto à orientação religiosa e ideológica; sem dúvida, alguns casados, como Pedro, cuja sogra é mencionada (Mc 1, 30), e porque o mesmo Pedro pode dizer em nome de todos que “deixaram casa e filhos” (Mc 10, 20); “mulher” (Lc 18, 29).⁹

Algumas notas ocasionais dos evangelhos dão a impressão de que, a par do núcleo qualificado e representativo dos doze, havia um círculo mais amplo e flutuante de discípulos simpatizantes (cf. Jo 6, 60-66; Lc 10, 1; At 1, 21-23).

Jesus, no seu grupo, favoreceu a profícua convivência entre homens e mulheres. A tradição evangélica lembra a presença de algumas mulheres da Galiléia, ligadas por vínculos de parentesco com Jesus e o grupo dos doze. Também esse fato, que não tem paralelo no ambiente judaico, contribui para definir a originalidade das escolhas de Jesus, inspiradas no projeto do reino de Deus.

A presença das mulheres no grupo itinerante de Jesus é mencionada explicitamente por Lucas 8, 1-3: “Maria de Magdala... Joana, mulher de Cuza, administrador de Herodes, Susana e

muitas outras que o assistiam com os seus bens” (cf. Lc 23, 40.55; 24,10.22). Entre as mulheres que assistem à crucificação, à sepultura e vão ao túmulo de Jesus no primeiro dia da semana, são lembradas: Maria de Magdala, Maria, mãe de Tiago e José, a mãe dos filhos de Zebedeu (Mt 27, 55.61; 28, 1 par.). O evangelista Marcos acrescenta Salomé (Mc 15, 40-41). O evangelho de João faz assistir à morte de Jesus também a mãe deste e sua irmã, Maria de Cléofas (Jo 19, 25).

Enfim, o acolhimento de mulheres entre os “discípulos” pode ser concebido como sinal do senhorio de Deus, que irrompe na história humana, para devolver a igualdade e a dignidade na relação entre as pessoas.

4) A pedagogia da compaixão

A ação de Jesus desperta o interesse das pessoas para o discipulado. A partir do momento que Jesus deixou a oficina de Nazaré e começou a falar nas Sinagogas da Galiléia, curando enfermos e dando acolhida a desamparados e marginais, ele deu início a um processo pelo qual se tornou um personagem público. Esse personagem suscitava o interesse do povo, chamava a atenção dos detentores da responsabilidade religiosa e das autoridades políticas. “O rei Herodes ouviu falar de Jesus, porque o seu nome se tinha tornado famoso” (Mc 6,14 par.).¹⁰

Por que a ação pública de Jesus causava tanto interesse? O que Ele tinha de especial? O que fazia um homem da classe média conversar com mendigos e se misturar socialmente com os pobres? O que fazia um Rabi (Mestre) se associar à ralé impura, que não conhecia nada da Lei Judaica?

Albert Nolan¹¹ dá uma resposta interessante. Talvez porque todos viam em sua ações gestos concretos que demonstravam uma profunda compaixão, algo tão profundo que só podia

vir de Deus: "...viu uma grande multidão e ficou tomado de compaixão por eles (Mc 6, 34); Ele foi tomado de compaixão pela situação e pelas lágrimas da viúva de Naim (Lc 7, 13), teve compaixão de um leproso (Mc 1, 41), do cego Bartimeu, que gritava: "Filho de Davi, tem compaixão de mim" (Mc 10,48), e daqueles que não tinham o que comer (Mc 8, 2 par.).

Em toda parte nos evangelhos, mesmo quando a palavra não é empregada, podemos sentir o movimento de compaixão. Muitas e muitas vezes diz às pessoas: "Não chore", "Não se preocupe", "Não tenha medo" (por ex. Mc 4, 40; 5, 36; 6, 50). Ele não se comovia com a grandeza das vastas construções do Templo de Jerusalém (Mc 13,1-2), mas com a pobre viúva que dava seu último centavo para o tesouro do Templo (Mc 12, 41-44). Enquanto todos se agitavam com o "milagre" da filha de Jairo, ele se preocupava em pedir que dessem de comer à menina (Mc 5, 42-43).

O que tornou diferente o bom samaritano da parábola foi a compaixão que sentiu pelo homem deixado semimorto à beira da estrada (Lc 10, 33). O que tornou diferente o pai amoroso da parábola foi o excesso de compaixão que sentiu por seu filho pródigo (Lc 15, 20). O que tornou Jesus diferente foi a compaixão sem limites que ele sentiu pelas pessoas empobrecidas, oprimidas e excluídas.¹²

O sofrimento das pessoas concretas causava tal sentimento em Jesus. A compaixão, portanto, é uma reação que nasce do mais profundo da dignidade humana, quando essa mesma dignidade é ameaçada, desrespeitada ou agredida de alguma forma. É, portanto, algo divino, maravilhoso, que precisamos cultivar em nós, tal como Jesus o cultivou em si mesmo.

5) A pedagogia profética: anúncio e denúncia

Profeta ou profetisa é aquela pessoa “que fala no lugar de alguém” (porta-voz). Na Bíblia, profeta é a pessoa que é a boca de Deus. Como tal, tem a missão de **denunciar** o que não está de acordo com a vontade de Deus, enquanto - ao mesmo tempo – **anuncia** o que deve ser agradável aos olhos de Deus.

Assim, a pedagogia profética tem como objetivo formar para o compromisso ético com a cidadania. Tal prática de Jesus era, concretamente, o Reino de Deus acontecendo. O Reino já estava aí, no meio do povo (Lc 17, 20-21), mas ninguém o percebia. Jesus o percebeu e o revelou (Mt 16, 1-3). Ele via o tempo maduro, o campo branco para a colheita (J.o 4,35). Pelas suas conversas e ações, despertava no povo uma força adormecida que o próprio povo não conhecia. Jesus descobriu o acesso à fonte dentro das pessoas, e a água começou a jorrar (J.o 4, 14). Assim, por exemplo, Jairo (Mc 5, 36), a mulher do fluxo de sangue (Mc 5, 34), o cego Bartimeu (Mc 10, 52), o pai do menino epilético (Mc 9, 23-24) e tantos outros, através da fé em Jesus e em si mesmos, fizeram acontecer vida nova.

A Boa Nova do Reino era como um fertilizante que faz a semente da vida crescer. O Reino que estava escondido apareceu, e o povo se alegrou. Dessa forma, Jesus estimula as pessoas a se firmarem e a terem confiança em si mesmas.

Tudo isso era o Reino chegando, a aurora nascendo, a fonte jorrando: “Não estão vendo?” (Is 43,19). Era o resultado das andanças e conversas de Jesus. Algo novo estava nascendo no povo, diferente, algo da vida, algo de Deus, que metia medo aos poderosos. Esses se organizaram para eliminar o perigo. “Já cresce no mundo o medo de ti, flor sem defesa!”.

6) A pedagogia da cruz

No tempo de Jesus, a maior parte da população da Palestina vivia em condições miseráveis, sem nenhuma perspectiva de uma vida melhor. Eles eram explorados pelos romanos e pela elite da região, que colaborava com a dominação romana para preservar seus privilégios.

Nessa situação de extrema crise e desespero, o povo espera ansiosamente por um “Messias”, um rei guerreiro, que libertaria miraculosamente Israel do domínio romano e restauraria a gloriosa hegemonia judaica dos tempos de Davi e Salomão sobre outras nações. Cresce uma grande esperança messiânica nacionalista: um ungido (CRISTO, do grego) que vem estabelecer o reino definitivo do Deus de Israel, derrotando os romanos e expulsando as nações pagãs. Acabando com a desgraça, a violência e a exploração para restaurar a paz e a prosperidade para o povo de Israel!

É nesse quadro de expectativa que aparece Jesus de Nazaré. No começo do ministério na Galiléia, multidões seguiram Jesus, em virtude da fama que logo se espalhou de ser um homem poderoso e milagreiro. Depois, a situação foi esfriando, sobretudo em virtude das opções que foi tomando em seu ministério.

De fato, Jesus teve de escolher qual seria sua missão e seu destino: um Messias nacionalista e vitorioso (que resolve os problemas do povo, fortalecendo o comodismo e alimentando uma fuga para o individualismo), ou um Messias sofredor, solidário com o sofrimento humano (que, movido por profunda compaixão, caminha com os que sofrem, orientando-os a encontrar saídas para os problemas cotidianos, por meio de gestos concretos e palavras sábias tiradas da vida).

Jesus não quis ser um Messias triunfalista. Eis algumas práticas messiânicas de Jesus que o diferenciam da imagem oficial do Messias daquele tempo:

1. Jesus anuncia a Boa Nova, primeiramente, aos pobres da Galiléia (Mc 1, 14). Essa região não é, para a elite judaica, o lugar apropriado para a aparição do Messias: “De Nazaré pode sair algo de bom?” (Jo 1, 46).
2. Jesus critica a lei da pureza: vive no meio dos marginalizados, toca o leproso (Mc 1,4 1), come com os pecadores (Mc 2, 15; Mt 9, 10), defende a prostituta (Lc 7, 36-50) e acolhe a mulher impura (Mc 5, 25-34). O que ele está propondo é reincorporar os marginalizados na vida social em vez de incluí-los pela Lei discriminatória. Devolve a eles a alegria de viver como gente! Essa atitude de Jesus desafia a imagem do Messias como mestre e guardião da Lei oficial, por quem os fariseus e os essênios esperavam (Mc 7, 1-7).
3. Jesus não manda nem domina as pessoas, mas veio para servi-las (Mc 10, 45). Essa prática não segue a regra do Rei-Messias vitorioso, que implanta o reinado de Deus mediante a violência e o domínio. A prática da libertação não se baseia no poder, mas no serviço. Quem usa o poder para libertar o povo corre o risco de subjugar-lo com o mesmo poder (cf. Mc 9, 33-37; 10, 42-45).
4. Jesus acolhe os estrangeiros (Mc 7, 24-30). Essa ação libertadora não coincide com o messianismo nacionalista que os judeus têm como idéia: o Messias não vem para salvar só os judeus, os filhos escolhidos de Deus, nem para dominar os outros povos (Mc 12, 35-37).
5. Jesus desafia as autoridades judaicas (os sacerdotes e os saduceus) estabelecidos no Templo: “Minha casa

será chamada casa de oração para todos os povos! Vós, porém, fizestes dela um covil de ladrões!” (Mc 11, 17). Essa é a causa principal da ira das autoridades e dos trabalhadores do Templo, considerado por muitos como o local onde o Messias se revela e começa a sua conquista triunfante (Lc 4, 9).

Dessa forma, a imagem do Messias que nasce dessas práticas de Jesus é exatamente o contrário da imagem apresentada pelas ideologias messiânicas predominantes nos judeus daquele tempo. Jesus não se apresentou como o Messias, mas, a partir de sua vida e de sua prática, foi reconhecido pelos pobres como o enviado de Deus.

A partir desse episódio da profissão de Pedro, que abre a segunda parte do Evangelho de Marcos, Jesus começa a falar abertamente da sua missão e de seu destino. Ele insiste no messianismo do Servo Sofredor de Javé, anunciado pelo profeta Isaías (Is 53,1-13). Sua missão consiste em passar pela paixão-morte-ressurreição (Mc 9, 2-13; 9, 31-35; 10, 32-45). É preciso, portanto, assumir a pedagogia da cruz.

7. A pedagogia da fé

Não basta acreditar que Jesus é o Cristo, o Messias. Talvez, por isso, o Evangelho de Marcos começa dizendo: “Princípio da Boa Nova de Jesus Cristo, o Filho de Deus!” (Mc 1, 1). E no fim, na hora em que Jesus morre, ele afirma dizendo: “Verdadeiramente, este homem era Filho de Deus” (15, 39).

No começo e no fim, está o Filho de Deus. Entre esses dois pontos, isto é, entre o começo no lago da Galiléia e o fim no calvário de Jerusalém, é preciso percorrer o caminho de Jesus: caminhada dos primeiros discípulos e discipulas de Jesus. É como

se Marcos estivesse querendo dizer que só se conhece a verdadeira identidade de Jesus como o Cristo, Messias, Filho de Deus, quando nos propomos segui-lo na caminhada da vida.

De fato, a gente só confia em uma pessoa quando a conhece de perto, quando convive com ela. Essa convivência, quando positiva, vai gerando a confiança. Quando se confia verdadeiramente em alguém, temos prazer em nos colocar como ouvintes de sua palavra, temos o interesse de pôr em prática os seus conselhos, enfim, temos a coragem de seguir os seus passos e até, se necessário, de colocar a nossa vida em suas mãos ou de dar a nossa vida por ela.

A mensagem central do Evangelho de Marcos é apresentar Jesus como o Cristo. Mas não basta acreditar nessa verdade. É preciso dar um passo adiante e confiar nEle, pondo-se todo inteiro no seu seguimento. É esse, justamente, o sentido profundo da palavra “FÉ”, que tem sua origem no grego: significa “CONFIAR”. Essa fé, essa confiança em Jesus, implica seguimento, discipulado.

Para alguém poder ser discípulo(a), Jesus insiste na necessidade de sofrer com ele: “Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me. Pois aquele que quiser salvar a sua vida irá perdê-la; mas o que perder a sua vida por causa de mim e do Evangelho irá salvá-la” (Mc 8,34b-35). E é somente a partir da cruz que a comunidade pode entender e dizer que “Verdadeiramente este homem era filho de Deus” (Mc 15,39b). A cruz deve ser assumida como conseqüência da missão evangelizadora.

Note-se, aqui, uma mensagem teológica do segredo messiânico: uma catequese que Marcos preparou para corrigir a ideologia messiânica triunfalista de sua comunidade.

E essa mensagem não vale só para os primeiro cristãos. O messianismo triunfalista hoje é moda e se encontra até na Igreja Católica. Os movimentos messiânicos aumentam cada vez mais

o número dos seus membros. Em toda parte, há pessoas que rezam e cantam, pedindo intervenção imediata de Deus. Só que se esquecem de ser a presença de Deus encarnada neste mundo: no discipulado, no seguimento de Jesus Cristo, participamos de sua Missão, continuamos seu MESSIANISMO SOFREDOR no mundo, construindo o Reino de Deus em meio aos conflitos da história humana.

8) A pedagogia da oração: busca de fidelidade até o fim

A fidelidade numa relação de amor é fruto de uma contínua valorização da relação de intimidade. Na mística cristã, a intimidade com Deus é conseqüência de uma contínua valorização da oração.

Quando as coisas estão difíceis, quando perdemos o rumo, tudo desanda. É cada um por si, um salve-se-quem-puder. Cada qual segue o seu próprio caminho, e a confusão se instala definitivamente. Um rumo não é coisa que se impõe por decreto, mas é algo que se descobre, como fruto de busca. A oração é o meio pelo qual o ser humano se abre para Deus, buscando reencontrar o rumo da caminhada. Por isso faz parte da pedagogia de Jesus.

Jesus vivia em contato permanente com o Pai. Rezava muito e insistia para que o povo e seus discípulos também rezassem. Para Ele, a oração parece ser o meio pelo qual a compreensão da verdade se torna mais clara. “É no confronto com Deus que a Verdade aparece e que a pessoa se encontra consigo mesma em toda a sua realidade e humildade. É o ponto de chegada do processo da educação”¹³.

Por causa de sua oração constante, um dos discípulos, impressionado, pediu: “Jesus, ensina-nos a orar!” Como resposta, Ele ensinou o Pai-Nosso (Lc 11, 2-4; Mt 6, 9-13). Tal oração

expressa o novo relacionamento com Deus. A origem dessa novidade é a experiência que Jesus teve de Deus como Pai com coração de mãe. É o fundamento da fraternidade entre as pessoas. É a experiência de filhos e filhas do mesmo Deus Amor, que nos criou e nos acompanha continuamente, para que nos tornemos cada vez mais à sua imagem e semelhança.

Jesus ensina que devemos orar e pedir com insistência (Lc 11, 5-8). Ensina que a oração é eficaz (Lc 11, 9-13): quem pede, recebe; quem busca, acha; a quem bate a porta se abre! Nenhum pai dá uma cobra quando o filho pede um peixe, nem dá um escorpião quando o filho pede um ovo. Se até nós que somos maus sabemos dar coisas boas aos filhos, quanto mais o Pai do céu dará o Espírito Santo a quem o pedir...

Por meio da Oração podemos suplicar o Espírito Santo de Deus, o mesmo que animou Jesus e que cria e recria continuamente em nós a capacidade de segui-lo. Desse modo, a prática pedagógica da Oração nos mantém re-ligados a Deus, isto é, ao seu Poder, à sua Força, à sua Energia revitalizadora e profundamente libertadora. Nisso, consiste a essência da religião: possibilitar a ligação constante com Deus.

Por isso Jesus ora sempre, sobretudo nos momentos difíceis e decisivos de sua vida, para saber o que o Pai (Abba = relação de intimidade com Deus) queria dele (Lc 22, 42). De fato, passava noites em oração, na busca de forças para manter-se fiel à missão (Lc 5, 16; 6, 12).

A Jesus, pessoa orante, pedagogo da oração, aplica-se o que diz o Salmo: "Ó Deus, a quem eu louvo, não fiques em silêncio. Pois abriram a boca contra mim, com fraudes e traições, e falaram de mim com linguagem mentirosa. Cercam-me com palavras de ódio, atacam-me sem razão. Em paga do meu amor, acusam-me; mas eu entrego-me à oração" (Sl 109, 1-4).

3. Fundamentos da pedagogia de inspiração inaciana

Inácio se deixou educar pela pedagogia de Jesus. Tal como Jesus de Nazaré, Inácio de Loyola foi homem do seu tempo. Sua época foi de profunda crise, provocada por mudanças radicais. No tempo de Inácio, começa a se configurar o espírito da modernidade.

Vejam os alguns elementos importantes do contexto histórico e da vida de Inácio, para entendermos um pouco mais a pedagogia que se inspira na espiritualidade desse discípulo de Jesus...

1. O contexto de Inácio

Pelo menos cinco elementos podem ser destacados como importantes no contexto em que Inácio esteve inserido.

1) Demarcação de um novo tempo: fim da Idade Média (476-1453) e o início da Idade Moderna (1453-1789).

Em 1453, os turcos conquistam Constantinopla (fim do antigo Império Romano do Oriente); é também o ano em que se encerra a Guerra dos Cem Anos (1337-1453). Tradicionalmente, os historiadores aproveitam para delimitar nesse ano o fim da Idade Média (476-1453) e o início da Idade Moderna (1453-1789).

2) O Renascimento.

Teve as seguintes características: influência da cultura clássica greco-romana; o aparecimento de um tipo de humanismo racionalista, individualista, otimista, naturalista e hedonista (doutrina filosófica que faz do prazer a finalidade da vida); repúdio aos ideais medievais; o humanismo e o antropocentrismo (o ser

humano como centro de tudo). Com o renascimento comercial e urbano, o aparecimento da burguesia (classe ligada ao comércio) e a formação das monarquias nacionais, a cultura europeia também sofreu alterações, que se aprofundaram nos séculos XIV-XVI.

3) Grandes navegações e inovações científicas

A superação da crise só viria com as grandes navegações. Elas foram impulsionadas pela necessidade de quebrar o monopólio comercial com o Oriente em mãos de certas cidades italianas; pelo progressivo esgotamento das minas europeias de metais preciosos; pela aliança entre a burguesia e os reis através das monarquias e pelas inovações científicas. As grandes navegações tiveram as seguintes consequências: a constituição de impérios coloniais, a transferência do eixo econômico do Mar Mediterrâneo para o Atlântico, a criação de um comércio mundial, o afluxo de metais preciosos para a Europa. Tais modificações geraram a chamada revolução comercial (sécs. XV-XVII) que, por sua vez, criou as condições para a Revolução Industrial (também na Europa), a partir da segunda metade do século XVIII. Para os povos que moravam no continente americano, as grandes navegações causaram desespero e morte.

4) Reforma protestante

A Igreja Católica, nesse contexto, também precisava fazer reformas, para se adaptar aos novos tempos. Mas elas foram sucessivamente adiadas, até que surge a reforma protestante. Na Alemanha, a consciência fortalecida pelo humanismo, os interesses dos príncipes alemães opostos a todo poder central, seja romano (do Papa), seja imperial, tudo isso fortalece política-

mente a reforma conduzida por Lutero (1483-1546), a partir de 1517. Na Suíça, estimulado pela reforma protestante na Alemanha, o padre Ulrico Zwínglio aplica reformas eclesiásticas em Zurique (a partir de 1522); Calvino (1509-1564), em Genebra, a partir de 1534 (em 1549 aproxima-se dos zwinglianos). Na Inglaterra, Henrique VIII obriga o clero a reconhecê-lo como chefe supremo da Igreja Inglesa, em 1534 (no ano de 1565 a Igreja Anglicana formula a sua própria confissão de fé, independente da Igreja Católica Romana).

5) A Contra-Reforma

Instaura-se na Europa uma força totalmente nova, se comparada com as tentativas anteriores de liberdade religiosa. Era urgente uma tomada de posição por parte da Igreja Católica. A reforma católica veio com o Concílio de Trento (1545-1563), no qual dogmas foram reafirmados, doutrinas depuradas, venda de indulgências proibidas. Além disso, decidiu-se fundar seminários para educar os padres católicos, exigiu-se grande disciplina do clero (inclusive no cumprimento do celibato), restabeleceram-se tribunais da inquisição, criou-se o Índice (lista de livros proibidos aos fiéis). A Companhia de Jesus, ordem religiosa fundada por Inácio de Loyola, em 1534, vai dar uma contribuição muito grande nesse contexto, sobretudo na área do ensino (por meio de colégios e universidades).

2. A vida de Inácio

O roteiro espiritual de Inácio (que ele deixou nos seus exercícios espirituais) está vinculado aos acontecimentos de sua vida pessoal, em meio aos grandes desafios do seu tempo.

Iñigo López De Loyola (que em Paris adotará o nome de Inácio, na época dos seus estudos) nasceu em 1491, em Loyola, situada na região de Guipúzcoa, no País Basco da Espanha. Morreu com fama de santidade, no dia 31 de julho de 1556, na comunidade jesuíta de Roma.

Descende de uma das famílias mais nobres, ricas e poderosas da região. Filho de Beltrán de Loyola e de Marina de Licona, cresce junto a seus cinco irmãos e irmãs, no seio de uma família orgulhosa de seu passado, porque os Loyola tinham-se destacado por seu espírito combativo e de fidelidade ao Rei de Espanha. Os Loyola tinham uma educação tradicionalmente religiosa, mas eram naturalmente influenciados pelo espírito da época. Eram freqüentes certas liberdades como o adultério, o ter amantes e queridas na corte, o que ocasionalmente gerava escândalos e fofocas (alguns filhos naturais eram aceitos na família, sendo criados com os filhos legítimos).

Conforme depoimento do amigo Diogo Laínez, em 1547: “Ele [Inácio] é um nobre de nascença... por temperamento é hábil e prudente, corajoso e ardoroso, propenso às armas e aos empreendimentos difíceis”. Muito cedo sonhava conseguir uma boa reputação de soldado. Ele sabia que essa glória não está isenta de perigo: três de seus irmãos mais velhos já tinham tomado em campos de batalha.

Segue a carreira militar. Tudo ia bem, até que no dia 20 de maio de 1521 (aos 30 anos de idade), numa batalha, uma bala o atinge. Iñigo cai no chão com uma perna esmagada e a outra ferida. O vencedor manda transportar o ferido ao castelo do pai. Sua perna não se soldou bem e por isso ele teve de se submeter a duas novas operações. Na noite do dia 28 para 29 de junho de 1521, a situação se agrava, deixando-o às portas da morte. No entanto conseguirá recuperar-se, graças à sua enorme vontade de viver.

Durante as longas semanas de convalescença no castelo de Loyola, Iñigo dá espaço para toda uma evolução interior que convencionou chamar de “sua conversão”. Aproveita para ler uma história dos santos (*Flos Sanctorum*) e a Vida de Jesus (*Vita Jesu Christi*) em quatro volumes. A leitura desses livros e as reflexões pessoais levam Iñigo a rever seu próprio ideal de vida. Durante essas semanas, faz sua primeira experiência do discernimento dos espíritos: propõe empreender coisas “árduas e difíceis” para fazer penitência de seus pecados.

Na primavera de 1522, deixa Loyola e, na abadia beneditina de Montserrat, no vilarejo de Manresa, vestido de mendigo, consagra-se ao serviço de Cristo, seu novo rei, com a mediação de Maria, sua nova senhora. Passa ali dez meses em penitências e graças místicas. Decide servir a Deus, servindo às pessoas.

Em 1523, numa pobreza total, sem outra segurança senão sua confiança na Providência, parte com destino à Terra Santa. Como não consegue autorização para residir ali, resolve voltar à Espanha com o intuito de estudar e tornar-se padre para poder “melhor ajudar as almas”.

Estuda em Barcelona, Alcalá e Salamanca. Passa a procurar amigos que queiram compartilhar seu ideal de vida no seguimento de Cristo pobre. Conclui os estudos de filosofia e parte para Paris, onde inicia os estudos de filosofia. Em Paris, consegue reunir um sólido grupo de discípulos, “seis caros amigos no Senhor”. Aos 15 de agosto de 1534, em Montmartre, fazem juntos os votos de pobreza. Em 1537, três novos amigos se juntam ao grupo e, em 24 de junho, Inácio e os seus amigos que ainda não são padres recebem a ordenação sacerdotal.

Colocam-se à disposição do Papa, “para que ele os envie onde os julgasse mais úteis para o serviço do Reino de Deus”. Entre 18 e 23 de novembro de 1538, depois de feliz conclusão do último – o nono! – processo de Inquisição contra Inácio, Paulo III

aceita esse oferecimento e lhes confia missões: Sena, Pádua, Índias.

No dia 24 de junho de 1539, a comunidade espontânea se transforma num grupo orgânico, numa ordem, devotada ao serviço apostólico. Nasce a “Companhia de Jesus”, conforme eles denominaram. Durante 15 anos, Inácio dirige a ordem, que vai crescendo rapidamente; ocupa-se com a orientação espiritual dos discípulos, com a fundação e manutenção de diversas obras para os marginalizados (tais como prostitutas e menores abandonados em Roma) e com delicadas missões diplomáticas confiadas pelo Papa.

Em meio a essa excessiva atividade, é tolhido por freqüentes e longos períodos de doenças, devido às penitências que fez desde Manresa. Os que o cercam estão acostumados com essas crises e não as levam muito a sério. Por fim, na madrugada de 31 de julho de 1556, voltará silenciosamente para junto de Deus, com a idade de 65 anos, 16 anos depois de a Santa Sé ter aprovado sua ordem e após tê-la estendido por vários países.

Assim, durante sua vida, no seguimento de Jesus, Santo Inácio foi desenvolvendo uma espiritualidade que serve de inspiração para a prática pedagógica da Companhia de Jesus. Tal pedagogia tem implicações práticas muito interessantes para quem procura caminhos para a formação humana e cidadã nos médios e grandes centros urbanos.

É o que veremos a seguir...

3. Implicações práticas da pedagogia de inspiração inaciana

No seguimento de Jesus, Santo Inácio foi desenvolvendo uma espiritualidade que serve de inspiração para a prática pedagógica da Companhia de Jesus.¹⁴

Em 1986, a publicação do texto “Características da educação da Companhia de Jesus”¹⁵ despertou grande interesse entre as pessoas envolvidas no processo pedagógico inspirado pela espiritualidade inaciana. A receptividade foi tamanha que o documento foi traduzido em 13 línguas e tem sido o tema principal de seminários, reuniões e estudos, desde então.

Segundo tal documento, alguns elementos fundamentais da espiritualidade de Inácio devem permear a educação de inspiração inaciana como um todo. Vejamos cada um desses elementos, buscando as implicações diretas na prática pedagógica...

3.1 Buscar o conhecimento pode conduzir à fé

Para Santo Inácio, tudo quanto existe vem de Deus, esse poder criador que está presente em nossas vidas, trabalhando por nós em todas as coisas.

Logo, um conhecimento mais completo da criação, por meio dos fenômenos naturais e humanos, pode conduzir a um maior conhecimento de Deus.

Implicações práticas para a educação:

1º) A compreensão de que o mundo é bom

A educação inaciana afirma a bondade do mundo, que na sua diversidade proclama a grandeza e a criatividade de Deus.

Por isso, no processo educacional, procura-se desenvolver a sensibilidade diante do mistério da criação. Desse modo, cada elemento da natureza é digno não só de contemplação, mas de estudo sério que respeite e promova o encadeamento da vida.

2º) O conhecimento leva a conhecer a si próprio

A graciosa plenitude de Deus se revela especialmente no mistério da pessoa humana. Cada ser humano é conhecido e amado por Deus.

O objetivo da educação é ajudar no processo de desenvolvimento dos talentos dados por Deus a cada pessoa humana. Tais talentos pessoais alcançarão sua função social se forem colocados a serviço do bem comum, por meio do respeito para com a vida, e do amor solidário em prol da promoção da vida (das pessoas individualmente, no plano das relações pessoais; coletivamente, no plano das relações sociais; bem como no contato com o meio ambiente e com o ecossistema, em sua biodiversidade (pluriformidade de vidas).

3º) O conhecimento religa o ser humano ao essencial

O conhecimento, fruto da observação empírica da criação, pode conduzir ao encontro com o Mistério da Vida e à disposição de agir na criação, segundo o Projeto de Vida desse Mistério de Amor.

Desse modo, todo conhecimento é, de certo modo, religioso, se entendemos religião no sentido latino do verbo “religare”. O conhecimento re-liga o ser humano à essência de si mesmo, do outro, da natureza e de Deus. A formação religiosa, portanto, é algo que deveria permear toda a formação humana.

4º) Dar a conhecer é um serviço missionário

A formação integral da pessoa humana, por meio de cada disciplina específica, cumpre um papel missionário eminentemente cristão: preparar pessoas para a vida em plenitude, no

serviço amoroso e solidário à comunidade. Dessa forma, dá continuidade à prática missionária inaugurada por Jesus de Nazaré.

5º) Dar a conhecer supõe diálogo

Diálogo supõe o desejo de conhecer, aprender com o outro, o diferente. Para tanto, dois elementos são fundamentais: falar (ter o que contribuir na conversa) e escutar (saber calar, prestar atenção para aprender).

A educação deve promover o diálogo com outras culturas, bem como o diálogo entre as diversas formas do conhecimento, diálogo interdisciplinar.

Um exemplo desse diálogo pode ser entre Fé e Ciência. Tais áreas do conhecimento, durante muito tempo consideradas separadas, antagônicas, são cada vez mais compreendidas como complementares. Na Encíclica *Fides et Ratio*, dois capítulos colocam muito bem a relação profícua que pode e deve existir entre o crer e o compreender¹⁶. A fé ajuda a percorrer retamente o caminho da pesquisa. A pesquisa, na busca da verdade, ajuda a encontrar a essência das coisas, o sentido da vida. Por isso é necessário que os valores escolhidos sejam verdadeiros, profundamente éticos: possibilitem a entrada no caminho que leva à plenitude da verdade.

3.2 Conceber o ser humano como criatura especial

Para Santo Inácio, cada ser humano é pessoalmente conhecido e amado por Deus.

De fato, a criatura humana é, de todas, a privilegiada, pois tem o intelecto mais desenvolvido entre os seres do nosso ecossistema. Esse privilégio, contudo, pede uma resposta que nasça dessa capacidade intelectual.

Assim, o amor de Deus pela criatura humana, para ser correspondido, precisa ser uma opção, resposta livre e consciente, fruto da experiência de intimidade com Deus. É nessa intimidade que Deus vai sendo conhecido e amado, num processo evolutivo em que a pessoa cresce no amor e na fidelidade, chegando a assumir as conseqüências dessa fidelidade, como compromisso. É, portanto, um processo pedagógico de que, pouco a pouco, a pessoa participa.

Inácio não só experimentou o amor de Deus, mas parece ter compreendido a pedagogia desse amor, que consiste em suscitar no coração humano a vontade de mergulhar mais e mais nessa prática amorosa.

Implicações práticas para a educação

1º) Educação personalizada

Consiste em dar atenção a cada pessoa e ter vivo interesse por ela. Os jovens, homens e mulheres que estudam em nossas instituições devem ser compreendidos no seu estágio de formação.

Cada pessoa passa por etapas evolutivas do crescimento intelectual, afetivo e espiritual. Assim sendo, a educação está voltada para cada pessoa, com o intuito de ajudá-la a amadurecer gradativamente.

2º) Participação ativa do educando no processo de aprendizagem

O processo ensino-aprendizagem deve contar com a participação ativa do(a) aluno(a). O crescimento na maturidade e independência, necessárias para o desenvolvimento da pessoa hu-

mana, depende da participação ativa do principal interessado: o educando.

3º) Formação permanente

A educação inspirada na espiritualidade inaciana estimula a abertura ao crescimento permanente. Procura inculcar a alegria de aprender e um desejo de aprender que permaneçam para além do tempo do colégio, durante toda a vida.

A formação permanente deve, portanto, fazer parte dos programas educacionais inspirados na espiritualidade de Santo Inácio.

3.3 Superar o que inibe a liberdade para amar e servir

Tudo o que inibe a liberdade para corresponder positivamente aos dons recebidos é, para Inácio de Loyola, inspiração do *mau espírito*, isto é, daquilo que não provém do Espírito de Deus, essência de vida em plenitude. O pecado consiste em deixar-se inspirar por esse mau espírito, que desliga o ser humano do essencial e o faz cada vez mais apegado à riqueza, à fama, à saúde, ao poder e à própria vida, causando-lhe o fechamento em si mesmo e empurrando-o para o sem-sentido da existência.

Por isso é importante uma luta permanente contra os obstáculos que bloqueiam a liberdade para corresponder generosamente aos dons recebidos.

Para conquistar tal liberdade, é preciso aprender a reconhecer e lidar com as influências que promovem ou limitam a liberdade: as moções dentro do próprio coração; as experiências passadas de todo tipo; a interação com outras pessoas; a dinâmica da história, das estruturas sociais e da cultura.

Implicações práticas para a educação:

1º) Formação orientada para a consciência dos valores

A educação inclui a formação em valores, em atitudes, e numa capacidade para avaliar critérios. Inclui, portanto, a formação da vontade.

A formação do caráter e da vontade, fundamentais para a superação do egoísmo, problema que se expressa concretamente na falta de preocupação e no descompromisso para com os outros. Tal formação passa por três elementos práticos:

- a) disciplina, por meio de regulamentos escolares justos, constitutivos de um bom sistema disciplinar;
- b) autodisciplina, que se manifesta no rigor intelectual, na aplicação aos estudos e na conduta para com os demais que reconhece a dignidade de cada pessoa;
- c) respeito pelos demais que, ao reconhecer a dignidade de cada pessoa, desenvolvem a capacidade de se confrontar com pontos de vista opostos.

2º) Formação para o autoconhecimento

A formação voltada para o desenvolvimento integral da pessoa humana dá ênfase ao uso responsável da liberdade, bem como ajuda a reconhecer a realidade do mal e seus efeitos na vida de cada pessoa.

Por isso a educação inspirada em princípios inicianos encoraja cada pessoa a afrontar honestamente tudo aquilo que, em si, pode ser considerado obstáculo ao crescimento, numa progressiva tomada de consciência do perdão e do amor de Deus.

Nessa perspectiva, é necessário que se criem condições favoráveis à reflexão, para que as pessoas em fase de formação desenvolvam uma faculdade crítica: aceitem suas qualidades e as desenvolvam, bem como aceitem suas limitações e as supe-

rem na medida do possível. Isso vai além do simples reconhecimento do verdadeiro e do falso, do bem e do mal.

3º) Formação para a consciência realista do mundo (consciência crítica)

A formação de inspiração inaciana busca desenvolver a capacidade do raciocínio reflexivo, com o intuito de ajudar a perceber o mundo, a criação, em sua bondade essencial (como dom, dádiva de Deus), sem perder de vista a consciência dos efeitos sociais provocados pelas forças que não vêm do Espírito de Deus: a imperfeição essencial, a injustiça, a necessidade de redenção em povos, culturas e estruturas humanas.

Para tanto, a educação jesuítica busca desenvolver a capacidade de conhecer a realidade e avaliá-la criticamente sem, contudo cair no pessimismo: as pessoas e as estruturas podem mudar. Para tanto, é fundamental desenvolver o compromisso de trabalhar por mudanças, visando a construir estruturas justas que favoreçam a liberdade e a dignidade humana.

3.4 Ter o amor como modelo para a vida humana

Inácio de Loyola inspirou-se na pessoa e na prática amorosa de Jesus de Nazaré. Tomou a pessoa humana de Jesus como modelo para a sua vida, por causa de sua resposta radical e corajosa ao amor de Deus, no serviço amoroso e misericordioso às pessoas. Inácio propõe Jesus como modelo, paradigma de vida voltada para a promoção da vida, por amor a Deus.

Implicações práticas para a educação:

1º) Ter um modelo para os princípios humanistas

A crise da modernidade se configura, entre outras coisas, pela crise de paradigmas: não se vêem, com clareza, modelos que ajudem a pautar a vida.

A pedagogia fundada na espiritualidade inaciana assume e apresenta um modelo de vida a perseguir: Jesus de Nazaré. Ele é concebido como o paradigma do ser humano perfeito, à medida que vive em solidariedade permanente com os que sofrem e entrega sua vida a serviço dos outros. Pelo seu exemplo de vida, Jesus dá testemunho do amor e da misericórdia de Deus.

Todos podem imitá-lo no esvaziar-se de si; na aceitação das dificuldades ou sofrimentos que surjam como consequência da única meta: cumprir o projeto de amor-serviço à Vida (Fl 2, 5-11). Jesus é, portanto, o modelo, paradigma da vida para quem deseja seguir princípios éticos e humanistas.

2º) Fortalecer a fé

Fé, no sentido da palavra, é confiança inabalável em algo ou em alguém.

No caso da pedagogia de inspiração inaciana, a fé precisa ser despertada e fortalecida, a fim de que a pessoa corresponda ao chamado pessoal de Deus, comprometendo-se com a construção de uma sociedade fundada no amor–solidariedade.

De fato, a ação solidária motivada pela fé em Jesus é um excelente meio para o encontro pessoal com Deus. Tal como Inácio, podemos fazer a experiência de sentir a presença de Deus em todas as coisas, em todas as ações ou encontros; tal como ele, podemos ser “contemplativos na ação”. Desse modo, a fé (confiança inabalável no projeto de Jesus) sai fortalecida na prática do amor cotidiano.

3º) Celebrar o dom da fé

A fé, dádiva de Deus, deve ser celebrada por meio da oração pessoal e comunitária.

A oração é um meio excelente para fortalecer a relação de intimidade com o Deus da Vida, bem como a confiança no seu projeto de vida.

A eucaristia é a celebração de uma comunidade de fé centrada na pessoa de Jesus Cristo.

3.5 Praticar os ensinamentos do amor

O amor se mostra em obras. A prática do amor-solidariedade (serviço), inspirada nos ensinamentos de Jesus, religa a criatura ao Criador. É o meio por excelência de acesso ao Amor (Deus). Para Santo Inácio, amar a Jesus Cristo é assumir o compromisso de atualizar, no contexto em que vivemos, os seus ensinamentos; é por em prática os ideais de Jesus no mundo real: família, trabalho, movimentos sociais, instituições políticas e sociais, atividades religiosas etc. Daí porque, justamente na época de maior atividade, Inácio atingira a culminância de sua união mística com Deus, via seguimento do Jesus histórico, Jesus de Nazaré, o Cristo de nossa fé.

A fé em Jesus não deve ficar no estágio do conhecimento de que Jesus é o Cristo. Deve-se mostrar no discipulado, isto é, no praticar os seus ensinamentos, no querer assumir a sua proposta de amor solidário, amor capaz de libertar de toda espécie de mal. Isso está bem claro na passagem do endemoninhado de Cafarnaum (Mc 1, 21-28). Nessa passagem, fica claro que o espírito mau (que tomara o corpo de um homem) conhece Jesus: “Que queres de nós, Jesus Nazareno? Vieste para nos destruir? Eu sei quem tu és: tu és o Cristo (o Consagrado) de Deus”. O

endemoninhado conhece Jesus, mas não quer nada com Ele, pois sabe que Jesus veio para destruir as forças do mal. Não há, portanto, as condições básicas para o discipulado.

Ser discípulo e discípula de Jesus é praticar os seus ensinamentos de amor. Na passagem acima, Marcos não diz qual o ensinamento de Jesus, contudo, mencionando-o junto com uma ação de cura, ele sugere que o ensinamento com autoridade repousa numa prática concreta de libertação.

Implicações práticas para a educação:

1º) Uma pedagogia voltada para o compromisso de ação na vida

A formação inspirada na espiritualidade inaciana tem como objetivo ajudar as pessoas a pôr em prática as convicções e atividades em prol da vida.

O amor se mostra em obras, continuamente. A educação inspirada na espiritualidade de Inácio de Loyola ajuda a formação de homens e mulheres dispostos a se envolverem com a promoção da vida, pondo em prática, concretamente, os ensinamentos do amor.

2º) Educação que promove a justiça

A promoção da justiça, na perspectiva cristã, tem por base a solidariedade permanente para com todas as pessoas (amor evangélico, ágape, palavra grega que ficou conhecida pela tradução latina como “caridade”). A prática da justiça evangélica deve estar alicerçada no amor ágape, capaz de promover a paz (relação de amor e confiança entre as pessoas). Por isso essa justiça é considerada divina, de Deus.

A educação que promove a justiça tem como meta formar pessoas que se comprometam com a construção da sociedade

em que vivem. É uma educação que parte do princípio de que cada pessoa tem a oportunidade de ser plenamente humana, à medida que assume a co-responsabilidade de desenvolver a promoção humana dos outros. Desse modo, tal formação está comprometida com a construção do humanismo e da cidadania

A promoção do senso de dignidade da pessoa humana inclui o tratamento dos problemas da justiça nos currículos; o testemunho da fé que promova a justiça por meio de ações concretas na instituição de ensino.

3º) Que incentiva o despertar dos talentos a serviço do bem comum

Formar homens e mulheres para colocarem seus talentos a serviço dos demais. Os talentos, na ótica cristã, são concebidos como dons a serem desenvolvidos, não somente para a satisfação ou proveito próprio, mas para o bem comum da comunidade. A meta é formar pessoas que se comprometam com a vida (e vida em plenitude) de outras pessoas.

Há, portanto, nessa proposta pedagógica, um acento nos valores comunitários, tais como: a igualdade de oportunidades para todos; os princípios de justiça distributiva e social; a atitude mental que vê o serviço aos demais como uma realização própria, mais valiosa que o sucesso ou a prosperidade.

4º) Opção evangélica pelos excluídos sociais

O compromisso com os valores comunitários tem uma preocupação especial com a vida das pessoas que estão impedidas de viver a dignidade de filhos e filhas de Deus. Trata-se, aqui, da opção preferencial pelos empobrecidos.

Nesse meio, estão os que não têm o mínimo de meios econômicos para sobreviver; as minorias marginalizadas do convívio

com os demais, as grandes massas excluídas socialmente do bem comum e todas as pessoas que estão impedidas de viver uma vida plenamente humana.

3.6 Corresponder amorosamente à missão de transformar o mundo

Com a conversão, transformação do coração, Santo Inácio de Loyola procura praticar os ensinamentos do amor. Quer transformar o mundo. Seu lema é: “Em tudo, amar e servir”.

Inácio vive em plenitude aquilo que um dia desejara para seus discípulos na fé: “...Que todos os membros da Companhia de Jesus se comportem como os anjos com relação ao próximo. Com o maior amor e devotamento, que se consagrem à salvação e ao progresso espiritual do próximo...”. Presença em Deus e serviço cotidiano tornaram-se para ele sinônimos. A união com Deus, por meio de Jesus, envolve toda a sua atividade, carrega e transforma-a.

De fato, para Inácio de Loyola e seus companheiros em Cristo, o serviço à sociedade humana, a construção do Reino de Deus se realiza por meio da Igreja, o instrumento no qual Cristo se faz sacramentalmente presente no mundo.

Implicações práticas para a educação

1º) A educação deve ser assumida como missão

A educação inspirada na espiritualidade inaciana faz parte da missão evangelizadora da Igreja, e de todas as instituições formadas por pessoas de boa vontade sensibilizadas por esse projeto.

O objetivo é a formação baseada em princípios éticos, morais e religiosos, que orientem as pessoas para o fortaleci-

mento de relações humanas cada vez mais solidárias e fraternas, comprometidas com a construção da cidadania.

Desse modo, é um importante serviço social, que pode ganhar forças se estiver em cooperação com organizações católicas e civis; pode, inclusive, dar um importante passo para o ecumenismo se contar com a colaboração das Igrejas Cristãs e de outras instituições religiosas.

A educação, como serviço missionário, cumpre um papel evangelizador da mais alta importância, pois está comprometida em promover:

- a) uma visão espiritual do mundo, frente ao materialismo;
- b) uma preocupação pelos outros, frente ao egoísmo;
- c) a austeridade de contentar-se com o necessário, frente ao consumismo;
- d) a causa dos empobrecidos, marginalizados e excluídos, frente à injustiça social.

2º) A educação como formação religiosa

A pedagogia de inspiração inaciana quer contribuir com o aprofundamento da dimensão religiosa das pessoas envolvidas no processo educativo.

Todo ser humano é religioso. É um aspecto da vida que, como os demais, precisa ser desenvolvido. A fé, confiança no poder de Deus, é testada no cotidiano e, como tudo na vida, passa por um processo de amadurecimento ao se deparar com os desafios da realidade.

A formação religiosa para os cristãos passa pelo aprofundamento das verdades da fé por meio do conhecimento das Sagradas Escrituras e dos Evangelhos; para os católicos, por meio da prática sacramental e da vivência de grupos que experimentem a vida concreta na Igreja (por exemplo, Comunidades de Vida Cristã, CVX).

Cabe à formação religiosa ajudar a desenvolver o ser humano como um todo, em todas as suas dimensões, na busca de um melhor serviço ao Deus da Vida, por meio do seguimento mais próximo de Jesus.

3.7 Buscar o *magis*

Para Inácio de Loyola, buscar o “*magis*” (do latim, “mais”), é buscar “a excelência”, “o melhor”, “o de mais valor”. Desse modo, para a espiritualidade inaciana, a plenitude divina é a grande meta a ser perseguida, superando todos os limites...

A prática pedagógica que nasce da espiritualidade inaciana persegue a excelência, à medida que faz dos alunos e alunas pessoas cada vez mais comprometidas com as demais, pessoas verdadeiramente humanas e cidadãos, dispostas a enfrentar os desafios do cotidiano na sociedade em que vivem, inspiradas pelo espírito do Deus da Vida que dá sinais no tempo presente.

Implicações práticas para a educação

1º) Excelência na ação formativa

A pedagogia de inspiração inaciana busca o desenvolvimento mais amplo possível de todas as dimensões da pessoa, visando a alcançar a excelência da pessoa.

Para tanto, as disciplinas das diversas áreas do conhecimento devem ser ministradas com o intuito de alcançar o MAGIS.

Buscar o MAGIS é oferecer a educação que melhor corresponda às necessidades do meio em que a pessoa está inserida. Buscar o MAGIS é promover, o mais pleno possível, as capacidades de cada pessoa ou grupo, em cada etapa de sua vida.

Tal capacidade desenvolvida pela formação adequada tem como objetivo colocá-la a serviço das pessoas, no compromisso com a construção da sociedade que hoje chamamos de “cidadania”.

Não se trata, aqui, de formar uma elite que assuma posições de comando com o intuito de perpetuar o “status quo” da sociedade que aí está. A meta da educação de inspiração inaciana é educar líderes no serviço: desenvolver suas capacidades mentais e afetivas que os capacitem a trabalhar com os outros para o bem de todos.

O serviço é baseado num compromisso de fé em Deus. Para os cristãos, tal compromisso de fé se expressa no seguimento de Jesus, enfrentando os desafios do tempo presente (frutos de ações inspiradas pelo mau espírito): competitividade, individualismo, consumismo, êxito a todo custo.

A alternativa cristã (frutos de ações inspiradas no Espírito de Deus) é disponibilidade, prestimosidade: capacidade de trabalhar juntos; sensibilidade para com o outro / o diferente; serviço amoroso; ajuda mútua / solidariedade.

2º) Testemunho de excelência

As linhas de ação baseadas nessa pedagogia que prima pelo “magis”, deve criar um ambiente ou “clima” que promova a excelência em toda a instituição educacional.

Tais linhas de ação incluem uma avaliação contínua das metas, programas, serviços e métodos de ensino que busquem uma maior eficácia na consecução de seus objetivos.

Toda a comunidade educativa (corpo de funcionários, administradores, educadores), seja de uma escola ou universidade, deve assumir o crescimento em competência profissional e seu progresso em dedicação.

3.8 Compartilhar do mesmo ideal

Para Inácio de Loyola, o serviço à sociedade humana, a construção do Reino de Deus não é tarefa fácil, que possa ser assumida isoladamente, individualmente. É necessário unir forças, congregar pessoas que estejam imbuídas do mesmo objetivo.

Por isso, quando Inácio passou a experimentar o amor de Deus revelado em Jesus, compartilhou sua experiência com outras pessoas, às quais chamava de “amigos no Senhor”. Em sua missão, não agiu sozinho: buscou companheiros que com ele estivessem dispostos a dar prosseguimento ao projeto missionário inaugurado por Jesus.

Implicações práticas para a educação

1º) Colaboração mútua entre jesuítas e leigos(as)

Os centros educativos que adotam uma pedagogia de inspiração inaciana devem contar com a colaboração entre jesuítas e leigos(as).

Existem diferentes tipos de colaboração, de acordo com a vocação e o grau de compromisso de cada pessoa. Nessa linha, o Superior Geral dos Jesuítas, Pe. Peter-Hans Kolvenbach, em pronunciamento na reunião internacional de Reitores/Presidentes de Universidades da Companhia de Jesus, realizada em Roma, em 2001,¹⁷ aponta algumas práticas que estão ajudando a aprofundar essa mútua cooperação entre jesuítas e leigos(as):

- a) os cursos de orientação para os novos professores e diretores, visando a compartilhar o “modo de proceder” da educação inaciana;
- b) os programas de formação permanente, tanto para leigos como para jesuítas. O objetivo é formar uma

equipe apostólica de jesuítas e colaboradores, com o fim de criar a indispensável “massa crítica” para assegurar a identidade da instituição;

- c) a prioridade na contratação de pessoas capazes de partilhar da identidade e da missão jesuítica;
- d) a oferta dos Exercícios Espirituais em suas diversas modalidades, particularmente pela prática dos Exercícios na vida diária;
- e) o papel determinante que compete aos jesuítas, buscando manter presença marcante na instituição.

2º) Espírito de comunidade

O quanto possível, as pessoas escolhidas para fazerem parte da comunidade educativa da Companhia de Jesus serão homens e mulheres capazes de entender e assumir a proposta educacional de inspiração inaciana.

Para tanto, junto com os jesuítas, devem discutir a sua visão e esperanças, aspirações e experiências, sucessos e fracassos, numa constante comunicação em níveis pessoal, profissional e religioso.

3º) Testemunho institucional

O centro educacional inaciano deve criar e manter condições favoráveis para que cada pessoa possa colocar seus talentos a serviço do crescimento de toda comunidade educacional.

A estrutura da instituição é chamada a ser um reflexo da sociedade que, por meio da educação, está tentando construir.

3.9 Processo contínuo de discernimento

As decisões de Inácio e seus companheiros eram provenientes de um processo contínuo discernimento, individual e comunitário. Mediante a reflexão sobre os resultados de suas atividades, por meio da oração, a comunidade de Inácio revisava as decisões passadas e introduzia adaptações em seus métodos, numa busca constante do maior e melhor serviço a Deus (“magis”).

De fato, oração (meditação, contemplação e a revisão de vida) é excelente meio para manter contínuo processo de discernimento. Foi pensando nessa necessidade humana que Santo Inácio de Loyola, no limiar da Modernidade, teve uma intuição que está sendo muito válida para os homens e mulheres do nosso tempo: os Exercícios Espirituais.

Nas diversas modalidades (retiros de 30 dias, de 8 dias, 5 dias, 3 dias, ou oração na vida cotidiana, com duração de – no máximo – uma hora), os exercícios são, fundamentalmente, uma forma de se exercitar a oração. De modo especial, anima-se para que tal experiência seja feita regularmente, no dia-a-dia (exercícios espirituais na vida cotidiana).

Implicações práticas para a educação

1º) Adaptação de novos meios e métodos educacionais

A comunidade educativa de um centro educacional de inspiração inaciana deve estudar continuamente as necessidades da sociedade em que está inserida. A partir daí, é importante introduzir mudanças, sempre que forem necessárias, na estrutura, nos métodos, no currículo etc., para viabilizar as finalidades que deseja alcançar.

Na busca do “magis”, a pessoa envolvida no trabalho de educação precisa exercitar grande liberdade e imaginação na

escolha de técnicas de ensino e ou métodos pedagógicos que melhor se adaptem aos novos desafios do tempo presente.

2º) Visão e metas comuns

As instituições educacionais inspiradas pela espiritualidade inaciana são marcadas por uma visão e metas comuns. Professores e administradores compartilham idéias e experiências, a fim de descobrirem os princípios e os métodos que mais eficazmente possam conduzir à implementação dessa visão comum.

O intercâmbio de idéias será mais proveitoso, quanto mais a instituição estiver inserida na realidade concreta de sua região e estiver engajada numa troca permanente de idéias experiências com outras instituições e obras educacionais públicas e privadas. Quanto mais amplo o intercâmbio ao nível regional, tanto mais poderá ser frutífero o intercâmbio entre os centros educativos ao nível internacional.

3º) Formação profissional e formação permanente

Na busca da competência profissional na área da educação, a formação deve ser permanente, por meio de programas atualizados e adequados a cada área do conhecimento e disciplinas específicas.

No que se refere, especificamente, à educação inspirada na espiritualidade inaciana, é fundamental propiciar aos leigos que aí trabalham uma formação permanente na linha da espiritualidade inaciana. É importante também que os jesuítas compreendam as experiências vividas, os desafios e as diversas maneiras com que o Espírito de Deus move os leigos.

Conclusão

Discutir sobre a pedagogia de uma instituição de ensino é algo fundamental para buscar entender os princípios de sua missão educacional, com o intuito de atualizá-los, tendo em vista os desafios do tempo presente. No âmbito de uma IES Católica, tal discussão é ainda mais pertinente, pois tem como objetivo despertar para o compromisso de se dar continuidade à missão de Jesus, o Cristo.

Numa instituição como a UNICAP, IES Católica confiada à Companhia de Jesus, temos uma pedagogia que se inspira na experiência de Jesus Cristo, vivenciada por Inácio de Loyola. A pesquisa especificamente voltada para a pedagogia de inspiração inaciana, aponta para os seguintes resultados:

1. o tema desperta para valores fundamentais da prática pedagógica que orientam os trabalhos de uma IES Católica Inaciana, nem sempre refletidos no cotidiano;
2. a busca de novos paradigmas no âmbito educacional deve levar em conta os desafios do tempo presente, confrontados com antigos paradigmas que podem ser redescobertos como inspiradores para o contexto de crise em que vivemos hoje;
3. a vocação da UNICAP, enquanto Instituição de Ensino Superior Católica e Inaciana, é repensada e retomada, à medida que as pessoas que trabalham na instituição se ocupem em buscar “o magis”, a melhor qualidade o melhor possível na formação humana e profissional do(a) aluno(a), em sua dimensão pessoal e comunitária. De fato, “a UNICAP tem o objetivo de ser uma Universidade de qualidade, - não só por exigência da ética cristã e da tradição da Companhia de Jesus, mas por entender que não pode existir

Universidade autêntica sem essa busca constante...”
(Carta de Princípios, n. 21).

As diretrizes pedagógicas de inspiração na espiritualidade inaciana chamam atenção pela ousadia das metas que se quer alcançar na busca constante do magis, como resposta concreta ao desafio da evangelização nos centros urbanos:

- prática da justiça, como orientação central do trabalho educativo;
- opção pelos pobres como o contexto do trabalho;
- formação de mulheres e homens que invistam, solidariamente, sua competência em proveito das pessoas necessitadas;¹⁸
- protagonismo de quem estuda no processo de aprendizagem;
- educação que tem por base valores humanistas e incentivos à prática da cidadania, inseridos no currículo;
- descentralização das funções dirigentes dos jesuítas para leigos(as), e sua mútua colaboração;
- co-responsabilidade dos diversos segmentos da instituição de ensino, em vista de sua otimização;
- empenho pela abertura e integração das instituições de ensino em outras instâncias da sociedade;

Nesse sentido, o estudo, a reflexão, a pesquisa em torno do tema “Pedagogia de Inspiração Inaciana” é interessante porque busca os elementos fundamentais da pedagogia que dá suporte à missão da Universidade Católica de Pernambuco.

No momento em que a UNICAP completa cinquenta anos a serviço da educação de nível superior numa grande cidade nor-

destina, é pertinente que possamos apresentar os elementos fundamentais que permeiam a pedagogia dessa Instituição de Ensino Superior Católica, buscando as fontes de inspiração para a sua prática pedagógica.

À luz da reflexão sobre a pedagogia inspirada na espiritualidade cristã e inaciana, vale a pena levantar alguns questionamentos importantes.

Tais metas acima são razoáveis para animar a evangelização no meio urbano?

As instituições de ensino ligadas às diversas instituições religiosas cristãs têm suficiente visão, vontade política e condições para implementá-las?

Qual a nossa missão de educadores cristãos nesse contexto?

Os valores pretendidos na educação inaciana são viáveis na cultura contemporânea?

Notas

- ¹ João Luiz é doutor em teologia, professor titular e pesquisador do Departamento de Teologia e Ciências da Religião da UNICAP.
- ² Tal relação é o conjunto de interfaces comunicativas entre agentes cognitivos (do latim *cognitio*, *cognição*, conhecimento, designa os processos mediante os quais um organismo percebe, registra e processa informação acerca dos acontecimentos e objetos do seu meio ambiente). Nessa relação criada em função do conhecimento, forma-se um sistema aprendente ou uma organização aprendente, cujo objetivo é criar e manter um ambiente no qual possam emergir experiências de aprendizagem. ASSMANN, Hugo. Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 175-176.
- ³ “A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão

- comprometendo-se na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação”. FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1974. p. 44.
- ⁴ BOFF, Leonardo. *A vida segundo o espírito*. Petrópolis: Vozes, 1982. p. 43.
- ⁵ É bom lembrar que uma grande parte das instituições de ensino ligadas às Igrejas Cristãs (sobretudo as Universidades), encontra-se localizada no perímetro urbano das médias e grandes cidades da América Latina
- ⁶ FABRIS, Rinaldo. *Jesus de Nazaré: história e interpretação*. São Paulo: Loyola, 1988. p.97.
- ⁷ GNILKA, op. cit. p. 99.
- ⁸ Segundo Rinaldo Fabris, “É provável que o processo de formação do grupo dos discípulos e discípulas tenha sido muito mais complexo do que dão a entender as cenas evangélicas ideais de chamamento. Conforme atesta o quarto evangelho, o primeiro contato dos futuros discípulos com Jesus deu-se no círculo de João Batista (Jo 1, 35-42). Só mediante a experiência pascal, o processo de agregação dos discípulos em redor de Jesus assumiu forma definitiva e irreversível (cf. Jo 21, 1-14.15-19; Mt 16, 17-19).” FABRIS, op. cit., p. 140.
- ⁹ FABRIS, op. cit., p. 137.
- ¹⁰ Id., *ibid.*, p. 181.
- ¹¹ NOLAN, Albert. *Jesus antes do cristianismo*. São Paulo: Paulinas, 1988, p. 48-49.
- ¹² A palavra da língua portuguesa “compaixão” é fraca demais para exprimir o sentimento que movia Jesus. O verbo grego *splagchnizomai*, usado em todos esse textos acima citados, é derivado do substantivo *splagchnon*, que significa intestinos, vísceras, entranhas, ou coração, ou seja, as partes internas das quais parecem surgir as emoções fortes. O verbo grego, portanto, significa movimento ou impulso que brota das próprias entranhas da pessoa, uma reação das tripas. É por isso que os tradutores precisam lançar mão de expressões como “ele foi tomado de compaixão ou piedade”, ou “ele sentiu

- piedade”, ou “seu coração se comoveu com eles”. Mas nem mesmo essas expressões conseguem captar o profundo sabor físico e emocional da palavra grega para compaixão.
- 13 MESTERS, Carlos. *Círculos Bíblicos: Fraternidade e educação*. p. 60.
- 14 “Atualmente, a Companhia de Jesus dirige 193 Universidades, 487 Colégios e 420 Escolas primárias. Se a essas cifras acrescentamos as instituições educativas mantidas pelos numerosos Institutos religiosos femininos de espiritualidade inaciana e por leigos formados nessa espiritualidade, teremos uma idéia da vasta influência que a pedagogia inaciana exerce, hoje, no mundo”. EDITORIAL. *Educação e espiritualidade: ante o III Congresso Inaciano de Educação*. In: Itaici: *Revista de Espiritualidade Inaciana*, n. 48. Indaiatuba – SP: CEI – Itaici, 2002. p. 03.
- 15 COMISSÃO INTERNACIONAL PARA O APOSTOLADO DA EDUCAÇÃO DA COMPANHIA DE JESUS. *Características da Educação da Companhia de Jesus*. São Paulo: Loyola, 1987. p. 15-50.
- 16 JOÃO PAULO II. *Carta Apostólica Fides et Ratio*. São Paulo: Loyola, 1998. p. 17-28.
- 17 KOLVENBACH, Peter-Hans. *A universidade da Companhia de Jesus à luz do carisma inaciano*. In: *O serviço da fé e a promoção da justiça na educação superior inaciana*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 52-53.
- 18 Interessante o questionamento do jesuíta Pe. Emmanuel da Silva e Araújo, a respeito da evangelização no mundo universitário: “A questão é: como fazer com que deste “laboratório” saiam homens e mulheres que, diante dos desafios modernos, gerem uma cultura de vida e não de morte, promovam a lógica da solidariedade e da fraternidade, e não a lógica da injustiça e da exclusão? Precisamos formar homens e mulheres dotados de ciência, mas com consciência para construir fraternidade há história. Homens e mulheres que, com sua liberdade e iniciativa, com seu conhecimento e criatividade, respondam às necessidades de seus contemporâneos, principalmente dos mais pobres e indefesos da sociedade”. ARAÚJO, Emmanuel da Silva. *A evangelização no mundo universitário*. In: ITAICI- *Revista de Espiritualidade Inaciana*, n. 48. Itaici-SP: 2002. p. 83.

Referências

- ARAÚJO, Emmanuel da Silva. A evangelização no mundo universitário. In: **ITAICI- Revista de Espiritualidade Inaciana**. n. 48. Indaiatuba-SP: CEI - Itaiçi, 2002
- ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação**: rumo à sociedade aprendente. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. Em tudo amar e servir: um caminho de espiritualidade para hoje. In: **Convergência**. n. 352. Rio de Janeiro: CRB, 2002.
- BOFF, Leonardo; BETTO, Frei. **Mística e espiritualidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- CORREIA JÚNIOR, João Luiz. Humanismo e cidadania: um projeto de vida dentro da formação universitária. In: **Revista de Teologia e Ciências da Religião da UNICAP**. n. 01. Recife: Fasa, 2002.
- _____. O desafio do pensar teológico na formação universitária. In: **Religião & Cultura**. v. 1, n. II. São Paulo: Paulinas, 2002.
- CONGREGAÇÃO GERAL XXXIV. **Jesuítas e leigos**: servidores da missão de Cristo. São Paulo: Loyola, 1997.
- Comissão Internacional para o Apostolado da Educação Jesuítica. **Características da Educação da Comanhia de Jesus**. São Paulo: Loyola, 1987.
- CODINA, Gabriel. **Pedagogía Ignaciana ayer y hoy**: reflexiones sobre la Ratio Studiorum. In: Teologia e Humanismo Social Cristiano. São Leopoldo: Ed.Unisinos, 2000.
- DIVERSOS AUTORES. Aportes ignacianos a la educación universitaria. In: **Pastoral Xaveriana**. v. 4, n. 1. Santafé de Bogotá, Colômbia: 1997.
- DIVERSOS AUTORES. **Educação Inaciana**: desafios na virada do milênio. São Paulo: Loyola, 1999.

DIVERSOS AUTORES. Estudos sobre educação: pedagogia inaciana e outras contribuições. In: **Cadernos de ciências aplicadas**. n. 2, fev. 1999.

DIVERSOS AUTORES. Estudos sobre educação: pedagogia inaciana e outras contribuições. In: **Cadernos de ciências aplicadas**. n. 3, jan. 2000.

FABRIS, Rinaldo. **Jesus de Nazaré: história e interpretação**. São Paulo: Loyola, 1988

FERREIRA, Pedro Vicente (org.). **Visita do Padre Geral: alocuções e homilias**. São Paulo: Loyola, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

GNILKA, Joachim. **El evangelio segun San Marcos**. v. 1. Salamanca: Sigueme, 1992, p. 342.

IDÍGORAS, J. Ignacio Tellechea. **Inácio de Loyola sozinho e a pé**. São Paulo: Loyola, 1991.

JOÃO PAULO II. **Constituição Apostólica Ex corde ecclesiae**, sobre as Universidades Católicas, 15 de agosto de 1990, n. 31-32. Petrópolis: Vozes, 1990.

_____. **Encíclica Fides et Ratio** (14 de setembro de 1998).

KLEIN, Luiz Fernando. *Atualidade da pedagogia jesuítica*. São Paulo: Loyola, 1997.

_____. **Educação personalizada: desafios e perspectiva**. São Paulo: Loyola, 1998.

KOLVENBACH, Peter-Hans. Educar homens e mulheres hoje no espírito de Santo Inácio. In: **Educação Inaciana: desafios na virada do milênio**. Coleção Ignatiana, 43. São Paulo: Loyola, 1999.

_____. **O serviço da fé e a promoção da justiça na educação superior inaciana**. Coleção Ignatiana, 45. São Paulo: Loyola, 2001.

LIBÂNIO, J. B. O contexto latino-americano, universidade e pedagogia inaciana. In: **Visão inaciana da educação: desafios hoje**. São Leopoldo: Unisinos, 1997.

LOYOLA, Inácio de. **Autobiografia**. São Paulo: Loyola, 1991.

MENEZES, Paulo. Universidade hoje: compromisso com a verdade, a fé e a justiça. In: **Visão inaciana da educação: desafios hoje**. São Leopoldo: Unisinos, 1997.

MESTERS, Carlos. **Círculos Bíblicos: fraternidade e educação a serviço da vida e da esperança**. São Paulo: Paulus, 1997

_____. **Com Jesus na contramão**. São Paulo: Paulinas, 1995

NOLAN, Albert. Jesus antes do cristianismo. São Paulo: Paulinas, 1988

OSOWSKI, Cecília Irene; Becker, Lia Bergamo (orgs.). **Visão inaciana da educação: desafios hoje**. São Leopoldo: Unisinos, 1997.

OSOWSKI, Cecília Irene (orgs.). **Provocações de sala de aula**. São Paulo: Loyola, 1999.

PETERS, Theodoro Paulo Severino. **Universidade para o terceiro milênio**. Recife: Fasa, 2001.

STIERLI, Josef. **Buscar a Deus em todas as coisas: vida no convívio do mundo e oração inaciana**. São Paulo: Loyola, 1990.

ZUAZUA, Pedro Galdos. **Vida de San Ignacio de Loyola**. Caracas: Eucación e Cultura Religiosa, 1995.